

AS AÇÕES EDUCATIVAS EM MUSEUS DE ARTE NO BRASIL

THE EDUCATIONAL ACTIONS IN ART MUSEUMS THE BRAZIL

André Luis Marques da Silveira¹, Maria Cristina V. Biazus², Margarete Axt²

Resumo

Este artigo relata as principais ações educativas desenvolvidas na atualidade em Museus de Arte no Brasil. A identificação de tais ações ocorreu a partir de revisão bibliográfica e da visita a cerca de cinquenta Museus, Centro Culturais, Institutos, Galerias e Memoriais. Cabe ressaltar que as ações identificadas, em geral, são ofertadas por grandes instituições museológicas e não representam a realidade dos museus de Arte no Brasil.

Palavras-chave: ações educativas, museus de arte, arte/educação

Abstract: This article reports the main educational activities developed today in Art Museums in Brazil. The identification of such actions occurred from literature review and the visit about fifty Museums, Cultural Center, Institutes, Galleries and Memorials. Note that the actions identified generally are offered by major museological institutions and do not represent the reality of art museums in Brazil.

Key words: education Actions, museum, Art/education.

¹FACULDADE DE DESIGN – Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER)

Caixa Postal 1355 – 90840-440 – Porto Alegre – RS – Brazil

²CINTED, PGIE – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Caixa Postal 15.064 – 91.501-970 – Porto Alegre – RS – Brazil

andre@um.pro.br, cbiazus@ufrgs.br, maaxt03@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Iremos relatar neste artigo as ações educativas desenvolvidas em museus de arte no Brasil na atualidade. A identificação de tais ações se deu a partir da leitura de bibliografia e da visita a cerca de cinquenta Museus, Centros Culturais, Institutos, Galerias e Memoriais de arte no Brasil (pessoalmente e através de seus sites).

Pietro Maria Bardi (1979, p.3) relata que o Museu de Arte do Estado de São Paulo (MASP) sempre teve uma preocupação em criar um público fruidor de arte. Durante sua gestão, como diretor do museu, uma diversidade de atividades foi desenvolvida com esse objetivo, tais como atividades relacionadas à História da Arte, Gravura, desenho infantil, Grupos Experimentais de Rádio, dentre outras. Esse museu possuía sala específica para realização das atividades didáticas, além de auditório.

No caso do MAM-SP, desde a 2ª Bienal, realizada em 1953, são organizadas exposições didáticas contendo textos explicativos. A partir da década de 1990, até os dias de hoje, as instituições museológicas buscam desenvolver programa de atendimento ao público escolar e desenvolver materiais didáticos. Muitos desses materiais supõem o exercício da linguagem verbal como o requisito para a abstração e a generalização do pensamento. Nesse sentido, as propostas de mediação ofertadas pelo museu buscam oportunizar ao visitante o acesso a informações que colaborem para uma reflexão sobre as obras de arte.

Tais ações propõem, através de desafios e provocações, a ação do público, acreditando que somente através da ação é que os sujeitos tornam-se produtores de novas relações com o objeto signo. Nesse sentido, a mediação supõe o exercício da linguagem e o intercâmbio social entre os seus agentes. Como agente mediador, podemos entender um livro, um catálogo ou outro material confeccionado para tal objetivo. Entretanto, esse tipo de material fornece apenas meios solitários para o estabelecimento de um diálogo inicial, uma conversa interna que ainda não foi socializada.

Martins (1998, p 23.) afirma que a mediação está em nossa vida em todos os momentos, sendo um elo de comunicação com o mundo exterior. A obra de arte possibilita revermos determinados conceitos pré-concebidos, remetendo-nos a novos pontos de vistas e

pensamentos divergentes. A obra de arte, antes de fornecer um conhecimento sobre o mundo, nos impulsiona a um diálogo sobre o mundo mediado através dos signos nela contidos. Assim, ao se propor um encontro com obras de arte deve-se explicitar aos fruidores da arte a conscientização de que estes artistas se propuseram a falar dos seus sonhos, desejos, realidades e esperanças através da linguagem da arte, conscientes de que eles ocupavam espaços e tempos distintos do que atualmente estamos ocupando.

Nesse processo de mediação é importante criar condições para novos encontros e experiências estéticas, tendo em vista que a obra pode oportunizar uma experiência nova para cada fruidor, revelando assim seu ponto de vista. A experiência de descoberta da arte deve se equiparar à da descoberta do mundo, exigindo do fruidor uma atitude de investigação através de um diálogo onde impera a história dos participantes. Uma mediação sempre terá que lidar com as histórias pessoais e coletivas dos aprendizes de arte.

Para Vergara (1996), diretor da divisão de Arte-Educação do MAC-Niterói as curadorias educativas tem como objetivo potencializar a arte como veículo de ação cultural formador de um olhar que se fundamenta numa prática do encontro e da experiência estética. Essa noção está associada ao conceito de engajamento do público com a experiência estética da arte. Experiência esta como um processo de conscientização e identificação cultural que propicia a formação de uma consciência do olhar. Nessa perspectiva, o teórico John Dewey fornece subsídios para a proposição de uma metodologia fundamentada em três momentos distintos: estranhamento/admiração, percepção e imaginação (VERGARA, 1996, p.245).

Tendo em vista essas perspectivas teóricas e metodologias distintas, faremos a seguir uma breve descrição das ações pedagógicas ofertadas em museu de arte no Brasil. Cabe ressaltar que elas buscam ilustrar algumas abordagens e não são representativas de todas as abordagens existentes na atualidade.

2. AS AÇÕES EDUCATIVAS EM MUSEUS

Segundo Grinder e McCoy (1998, p.56) existem diversos tipos de visitas ofertadas pelos museus nos EUA. As que propiciam um melhor aprendizado são as que utilizam métodos de interpretação tais como: visita-palestra, discussão dirigida e descoberta orientada. Tivemos oportunidade de avaliar materiais da ação educativa do *Art Instituto de Chicago, USA, Tate*

Modern de Londres e do Museu de História Natural de NY, todos eles com a visão de formação continuada para professores, atividades com materiais e roteiros pré-programados para crianças e para o público em geral. Do mesmo modo, analisamos sites de museus que oferecem atividades de Arte/Educação on-line. Destaca-se o pioneirismo do *Museum of Modern Art de NY* (MoMA) com suas propostas interativas, hoje ofertadas pela maioria das grandes instituições.

2.1. As visitas guiadas ou orientadas

No Brasil, essas visitas são designadas de guiadas ou orientadas e compreendem uma atividade que exige um agendamento formal. Através de um formulário, o professor solicita uma visita e especifica o público visitante. Antes de a visita se realizar, o museu, através da pessoa responsável pela recepção, entra em contato com o solicitante para apresentar e/ou definir o roteiro da visita. Através desse contato, busca-se preparar o itinerário em função do conteúdo que o professor está trabalhando em aula e suas expectativas e perspectivas em relação à visita. Em geral, o profissional do museu que atenderá os visitantes é um monitor ou estagiário. Muitos museus ainda não oferecem essa atividade de forma sistematizada por enfrentarem uma série de dificuldades, que vão desde a falta de espaço físico apropriado para a realização de atividades, até a falta de pessoal qualificado ou inexistência de uma divisão educativa específica para tratar o assunto.

Além disso, alguns museus carecem de recursos financeiros para atender todas as demandas necessárias, concebendo tais ações somente quando recebem financiamentos externos. Segundo Ana Mae Barbosa (2008), em alguns museus existe um pré-conceito em relação à ação educativa em museus. Para ela, isso fica evidente quando é dada a designação de monitor, e não de educador, à pessoa que fica encarregada de receber e mediar às visitas de escolas e professores ao museu. Alguns desses monitores são educadores formados em cursos de História, de Arte e até mesmo de Comunicação e a eles são atribuídos o diálogo com o visitante, a mediação da obra de arte e o público.

O trabalho de monitoria, cuja atividade é formativa, pretende contribuir fundamentalmente para o desenvolvimento da competência pedagógica em acadêmicos e ocorre normalmente em Instituições de Ensino Superior. Ele auxilia os acadêmicos na apreensão e produção do conhecimento, possibilitando ao monitor uma experiência relacionada ao processo de ensino-aprendizagem. A monitoria é uma atividade de apoio discente ao processo de

ensino-aprendizagem através de um trabalho conjunto entre professor e monitor. Ela não substitui o professor.

Segundo Barbosa (2007), alguns museus mais conscientes de tal situação estão conferindo mais dignidade ao profissional e chamando-os de educadores. Em geral, o professor se vê como parceiro, na construção e discussão de proposta pedagógica para a visita; como anfitrião, ao acolher o pesquisador em seu território; como informante privilegiado, ao sugerir modificações nos espaços e atividades oferecidas nos museus. Sobre os poucos museus que se enquadram em tal situação Barbosa afirma:

Se alguém quiser dialogar, chama-se um educador para, juntos, verem a exposição, comentarem, trocarem idéias e sensações sobre a obra e informações sobre a exposição. Em São Paulo, os únicos lugares em que me sinto à vontade para fazer isto são o Centro Cultural Banco do Brasil e o Itaú Cultural (BARBOSA, 2008, p.31).

Normalmente, o corpo de mediadores é formado por estudantes universitários que são capacitados pelo setor de Arte-Educação para a realização das mediações das exposições. O papel do curador da exposição é de fundamental importância, pois é através de suas orientações que é formado o roteiro para as visitas pelo setor ou equipe pedagógica do museu. Para tanto, são realizadas pesquisas e estudos sobre as obras que serão expostas.

2.2. Os roteiros de visitas

Em geral, o museu de arte já possui alguns roteiros pré-formatados, que demandaram a criação de materiais especiais, que são distribuídos aos visitantes. O material é desenvolvido pela equipe pedagógica do museu e envolve informações que são repassadas ao professor sobre o conteúdo que será trabalhado, tais como: o movimento artístico, os artistas e as obras. Também são distribuídos aos alunos livretos contendo atividades a serem realizadas pelos estudantes, jogos de palavras, de caça imagens, de pintura e quebra-cabeças.

Nesse tipo de atividade é comum o museu ofertar ao professor material didático pertencente ao acervo, que pode ser composto por coleções de pôsteres contendo reproduções de

obras, textos sobre o artista e as obras, revistas editadas pelo próprio museu e vídeos. O empréstimo de material tem como objetivo impulsionar o trabalho do professor e aproximar as relações entre o museu e a escola.

Entre os diferentes roteiros oferecidos destacamos:

1. Roteiros pautados em períodos da história da arte e movimentos da arte brasileira, tais como o modernismo, o concretismo, neoconcretismo, dentre outros.
2. Roteiros pautados em temáticas, tais como a figuração e a abstração, a figura humana e suas formas de representação, o sagrado, o carnaval, dentre outras.
3. Roteiros a partir da linguagem plástica utilizada: desenho, pintura, escultura, fotografia, técnicas mistas, multimídia, dentre outras.
4. Roteiros exploratórios que são constituídos a partir do interesse e da necessidade do grupo de visitantes.
5. Roteiros especiais para educação infantil.

Dentro desse tipo de iniciativa, o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC-SP), com o patrocínio da Fundação Vitae, desenvolveu cerca de 50 roteiros de Visita¹. Esse material pretende ofertar aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas. Também busca enfatizar a importância do museu como uma extensão da sala de aula, através da proposição de atividades pedagógicas de Arte-Educação. Os roteiros são compostos a partir de fichas contendo informações sobre a obra e sobre o artista. Também encontramos orientações da equipe de educadores do MAC-USP sobre como o professor pode proceder para efetuar mediações em relação à obra do artista.

2.3. As atividades complementares às visitas

As atividades complementares às visitas se caracterizam por oferecerem:

1. **Experiências táteis e sinestésicas:** transcrição gráfica de sons ambientais, de ritmo corporal, desenho cego e experimentações com luz com o objetivo de vivenciar conceitos envolvidos nos trabalhos dos artistas expositores. Mirian Celeste Martins² designa este tipo de experiência como “Coleta sensorial” que envolve uma ação investigativa que alimenta o repertório através da manipulação dos cinco sentidos. O acúmulo de referências

¹ <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/roteiro/roteiro.asp>

² MARTINS, Mirian Celeste. O que vemos com um olhar estrangeiro? Documento eletrônico: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=20. Acessado em 15/4/2010.

visuais, táteis, auditivas, olfativas e gustativas propicia uma fina articulação dos sentidos com a memória, a atenção, o raciocínio, as representações e a linguagem. Essa coleta pode ocorrer no ambiente do museu ou no seu entorno. A exposição “Poetas da Cor e Monocórdio Infinito”, realizada no MAC-Niterói no ano de 2008, propiciou aos visitantes do museu experiências relacionadas à luz. Dentro da programação de atividades foi ofertado o Laboratório Poético: Experiências entre Arte e Ciência. Essa atividade possibilitou a aproximação das artes com as áreas de física, química, percepção visual e gestalt das cores. A divisão de Arte-Educação expandiu fisicamente sua prática, tomando uma das galerias do mezanino para o espaço do Laboratório, onde ocorria a participação do público em jogos com materiais que evidenciam cor e forma e experimentos científicos de estudo da cor-luz.

2. Contação de histórias: atividade direcionada para o público infantil. Busca contribuir para o desenvolvimento intelectual através do estímulo à leitura e à imaginação por meio da construção de imagens interiores e dos universos da realidade e da ficção, dos cenários, personagens e ações que são narradas em cada história. As histórias possuem como pano de fundo a literatura infantil e as exposições do museu. Buscam desenvolver uma função de construção de conhecimento social da realidade junto à formação de valores e conceitos relacionados às Artes Visuais. Dentre os museus que adotam tal estratégia podemos citar o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Aldo Malagoli (MARGS) e o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói).

3. Palestra, seminário e aula aberta: em geral, são ministradas por um profissional pesquisador em Artes Visuais e artistas atuantes no cenário nacional. Em muitos casos envolvem conversas mediadas, onde são apresentadas as estratégias educativas que tomam como referência os conceitos e temas presentes em exposições que estão em cartaz. Um exemplo deste tipo de atividade é a aula aberta ministrada pela professora Icléia Cattani, do Instituto de Artes da UFRGS, no MARGS. O objetivo da atividade é tornar o Auditório do Museu uma sala de aula, com exposições pensadas para os estudantes de arte, mas abertas para a comunidade em geral. A escolha da temática busca integrar a programação paralela das mostras do Museu ou detalhes de seus projetos e acervo.

2.4. A biblioteca do Museu de Arte

Em geral, a biblioteca de museus de arte é aberta ao público e possui um acervo especializado em Artes Plásticas. Sua finalidade é fornecer subsídios aos seus usuários no âmbito da didática e da pesquisa. Conta com exemplares nas áreas de patrimônio cultural e museologia, além de revistas, catálogos, vídeos, DVDs e fotografias. É interessante

observar que alguns museus colocam à disposição dos visitantes um conjunto de obras digitais com conteúdos dedicados à arte e ao acervo exposto. Esse conteúdo costuma ser consultado através da página da biblioteca na *Internet*. Outras bibliotecas oferecem também acesso livre a computadores conectados à *Internet*. Nesse último caso, as pesquisas ao conteúdo digital podem ser realizadas no próprio espaço da biblioteca.

2.5. Material editorial, eletrônico e ambientes digitais

1. **Folders, convites, catálogos e livretos:** em geral, os eventos culturais geram uma gama variada de materiais impressos. Nas artes plásticas, os registros são desencadeados a partir da exposição. Os catálogos se destacam como material mais refinado. Muitas vezes substituem o objeto artístico, sendo criados num processo intencional desenvolvido pelo próprio artista. Freire destaca os aspectos mais importantes deste tipo de documento:

O catálogo de uma exposição inclui, em geral, fotos de obras, apresentando-as o mais fielmente possível, incluindo as devidas informações técnicas (dimensões, materiais, etc) e funciona como um documento acessório às exposições (FREIRE, 1999, p.22).

Os catálogos podem dar subsídios aos visitantes da exposição ao oferecer informações sobre o artista e sua obra, mas eventualmente apresentam informações insuficientes, além da dificuldade de se estabelecer parâmetros de tratamento e classificação, por serem muito diferenciados.

A Fundação Iberê Camargo³, através do seu Programa Educativo, oferece três peças gráficas impressas: o Material Escola - Iberê Camargo; os Materiais do Professor - Iberê Camargo e exposições temporárias; e o Material do Aluno - Diário de Bordo. O Material do Professor contém pranchas e cartões com reproduções de obras que participam das exposições, conteúdo textual crítico e questões para a reflexão e discussão entre ele e seus alunos. O material proporciona dinâmicas de leitura de imagens, jogos curatoriais e atividades que podem ser realizadas individualmente ou em grupos.

O Material do Aluno traz exercícios relacionados à arquitetura do edifício e espaço para anotações visuais e textuais. Destina-se ao público juvenil e é distribuído gratuitamente

³ [http:// www.iberecamargo.org.br](http://www.iberecamargo.org.br)

durante as visitas mediadas. O Material Escola é semelhante ao do Professor e destina-se às bibliotecas de escolas.

2. Videodocumentário

Como exemplo deste tipo de ação, citamos o evento “Mostra de Arte Contemporânea - Intervenções e Encontros”, realizado entre os anos de 2008 e 2009 no Museu de Arte de Joinville (MAJ). Durante o evento foram realizadas ao todo cinco exposições de arte que envolveram os artistas Ricardo Kolb, Diego Rayck, Coletivo *Schokleng*, Sérgio Adriano H. e Letícia Cardoso. Cabe ressaltar que os artistas ofereceram oficinas de arte gratuita à comunidade.

Como resultado do evento foi desenvolvido um DVD contendo um videodocumentário. Foi criado pelo Instituto *Schwanke*⁴ com intuito didático de aproximar o grande público dos conceitos utilizados na arte contemporânea.

3. Os ambientes de aprendizagem online ambientados em museus

A adoção de tecnologias digitais tem ganhado destaque nas últimas décadas como recurso para aproximar o museu do seu público. A tecnologia é adotada para múltiplas propostas de aprendizagem, tendo a arte como fio condutor. Dentre elas, destacamos a ação cultural educativa para mediação de obras de arte. Esse tipo de ação tem sido disseminado tendo em vista a necessidade de um novo olhar para as questões que envolvem arte, educação e tecnologia. A necessidade de formar um público crítico para a arte, tendo em vista o PCN do MEC para o ensino de artes visuais, motiva a concepção de ambiente virtual que busca ofertar recursos para a mediação de obras de arte. Como exemplo, cita-se o “Projeto Aprendi”. A proposta do ambiente teve início em 2005. Na atualidade, ele compreende um objeto de aprendizagem online ambientado no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Aldo Malagoli – MARGS, cujo principal objetivo é gerar um espaço para discussão, troca de informações e armazenamento de projetos realizados entre educadores e aprendizes. A coordenação do projeto é de responsabilidade da Prof^a. Dra. Maria Cristina V. Biazus, docente do Instituto de Artes e do Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação (UFRGS).

2.6. Oficinas de arte e apresentações artísticas

A organização destas atividades faz parte do projeto educativo que acontece dentro da programação do museu. As oficinas de desenho, pintura e escultura ou outras técnicas

⁴ <http://www.schwanke.org.br>

podem ser oferecidas envolvendo artistas da comunidade, instituições de ensino superior ou atelier livre. Os museus abrigam diversas manifestações artísticas, destacando-se o espaço para espetáculos musicais sob diversos formatos, envolvendo orquestra sinfônica, grupos de jazz, conjuntos de câmara, solistas e corais. Normalmente, as oficinas e os eventos são gratuitos para toda a comunidade.

No intervalo entre exposições, o MAC-Niterói abre sua programação para a execução de performances, intervenções em dança, poesia e videoprojeções sobre o prédio, à noite. A programação ocupa todo o espaço do museu. O principal objetivo desses eventos é mostrar que o museu não abriga apenas obras de arte intocáveis, mas que também está aberto a intervenções artísticas e à participação do público. Abaixo, depoimento da museóloga Maíra Brauer Morgado, sobre a programação MAC Vazio.

Nesses dias, o MAC quebra as regras. Quem vem para visitar e não sabe o que é o MAC Vazio fica enlouquecido com as coisas que acontecem. E é durante o dia inteiro. Aqui não pode fazer tudo, mas você faz quase tudo, acho que até mais do que normalmente se permitiria em um museu. E no final vira uma grande festa, quando vai escurecendo. Nesses dias tem pessoas odiando, pessoas não entendendo, pessoas entendendo tudo e adorando e crianças correndo por todo lado! Tem gente que vem com umas roupas muito loucas, e outras sem. Duas moças simplesmente tiraram a roupa e subiram a rampa, de repente, não estava planejado. Elas planejaram, mas não nos avisaram! E o povo dentro do museu saiu todo, correndo, pra ver! Sempre tem estresse, mas o saldo final foi bom! (TATIANA MARTINS, 2008, p.143).

2.7. Atividades de inclusão social relacionadas diretamente à exposição ou acervo

Muitos museus acolhem ações na forma de programas ou projetos de curta ou longa duração. Um exemplo desse tipo de trabalho é o projeto “Abrigo de Experiências Poéticas”, desenvolvido pelo MAC-Niterói durante o ano de 2006. Ele fez parte de ações educativas da exposição “Abrigo Poéticas - Diálogos com Lygia Clark”, integrando as comemorações dos 10 anos do Museu. O foco da exposição era promover os ideais da artista na busca de integração entre a arte e a vida através da experiência, e o projeto levou para dentro do museu jovens e adultos em situação de risco e alheios ao processo de Arte-Educação e da produção artística contemporânea. Os grupos que foram atendidos pelo projeto envolveram moradores de rua, catadores de materiais para reciclagem, moradores de vilas, dentre outros. Segundo Tatiana Gonçalves Martins, o programa contou com a participação de alunos de diferentes escolas das redes municipal e estadual de ensino.

Promoveu o encontro de jovens de diferentes comunidades e projetos sociais, estimulando trocas de experiências entre grupos provenientes de diferentes realidades. Esses grupos eram recebidos no MAC por jovens da Comunidade do Morro do Palácio – hoje coordenadores comunitários do projeto extra-muros do MAC Arte Ação Ambiental (TATIANA MARTINS, 2008, 2008, p.145).

O evento se estendeu por seis meses e possuía como proposta de trabalho a criação de um espaço de encontro, discussão, reflexão e aprendizagem a partir dos estudos das práticas artísticas contemporâneas e sua relação com o mundo. Esse projeto recebeu do IPHAN/Ministério da Cultura, no ano de 2008, o Prêmio Darcy Ribeiro, como reconhecimento ao trabalho realizado pela sua equipe em defesa da educação e cultura como fator de inclusão social.

SÍNTESE DAS PRINCIPAIS AÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS NOS MUSEUS BRASILEIROS

1. AS VISITAS GUIADAS OU ORIENTADAS

Estas visitas exigem um agendamento formal. Através de um formulário, o professor solicita uma visita e especifica o público visitante. Antes de a visita se realizar, o museu entra em contato com o solicitante para apresentar e/ou definir o roteiro da visita. Mediante esse contato, busca-se preparar o itinerário em função do conteúdo que o professor está trabalhando em aula e suas expectativas e perspectivas em relação à visita. Em geral, o profissional do museu que atenderá os visitantes é um monitor ou estagiário.

2. OS ROTEIROS DE VISITAS

O material é desenvolvido pela equipe pedagógica do museu e envolve informações que são repassadas ao professor sobre o conteúdo que será trabalhado, tais como: o movimento artístico, os artistas e as obras. Nesse tipo de atividade é comum o museu ofertar ao professor material didático pertencente ao acervo, que pode ser composto por coleções de posters contendo reproduções de obras, textos sobre o artista e as obras, revistas editadas pelo próprio museu e vídeos.

3. AS ATIVIDADES COMPLEMENTARES ÀS VISITAS

Envolvem a ofertas de atividades tais como: experiências táteis e sinestésicas; contação de histórias; palestra, seminário e aula aberta; atividades de formação de professores; dentre outras.

4. A BIBLIOTECA DO MUSEU DE ARTE

Em geral, a biblioteca de museus de arte é aberta ao público e possui um acervo

especializado em Artes Plásticas. Sua finalidade é fornecer subsídios aos seus usuários no âmbito da didática e da pesquisa. Conta com exemplares nas áreas de patrimônio cultural e museologia, além de revistas, catálogos, vídeos, DVDs e fotografias.

5. O MATERIAL EDITORIAL E ELETRÔNICO

Compreende a confecção de: folders, convites, catálogos e livretos dos eventos realizados no museu; vídeo documentário; ambientes de aprendizagem online ambientados em museus. Em geral, os eventos culturais geram uma gama variada de materiais impressos. Nas artes plásticas, os registros são desencadeados a partir da exposição. Os catálogos se destacam como material mais refinado. Eles oferecem informações sobre o artista e sua obra, mas eventualmente apresentam informações insuficientes, além da dificuldade de se estabelecer parâmetros de tratamento e classificação, por serem muito diferenciados.

6. AS OFICINAS DE ARTE E APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Oferta de espetáculos musicais envolvendo orquestra sinfônica, grupos de jazz, conjuntos de câmara, solistas e corais. Também envolve a oferta de oficinas de desenho, pintura e escultura ou outras técnicas. Em geral, estas atividades fazem parte do projeto educativo que acontece dentro da programação do museu. As oficinas de desenho, pintura e escultura ou outras técnicas podem ser oferecidas envolvendo artistas da comunidade, instituições de ensino superior ou atelier livre.

7. AS ATIVIDADES RELACIONADAS DIRETAMENTE ÀS EXPOSIÇÕES

Muitos museus acolhem ações na forma de programas ou projetos de curta ou longa duração. Compreendem ações que buscam promover, por exemplo, a inclusão social. Este tipo de ação objetiva integrar o objeto signo em exposição à vida da comunidade.

Quadro1 – Principais ações educativas pesquisadas.

3. CONCLUSÕES PRELIMINARES

Se tal é a função da cultura e se o amor pela arte é exatamente a marca de uma eleição que, à semelhança de uma barreira invisível e intransponível, estabelece a separação entre aqueles que são tocados pela graça e aqueles que não a receberam, compreende-se que, através dos mais insignificantes detalhes de sua morfologia e de sua organização, os museus denunciam sua verdadeira função, que consiste em fortalecer o sentimento, em uns, da filiação, e, nos outros, da exclusão (BOURDIEU, 2007, p. 168).

Para Alice Bemvenuti (2004, p. 345), o panorama das ações educativas nos museus contemporâneos de arte no Brasil, abrangem concepções teóricas diferentes: por um lado, as ações educativas contemplam ações isoladas, como a monitoria informativa, ou um programa de ação educativa que não instiga o espectador a refletir sobre o registro realizado pelo artista; por outro lado, existem setores organizados desenvolvendo pesquisa e atividades relacionadas à leitura de obras em que podemos observar ações educativas sistematizadas. Segundo a autora, grande parte do material produzido para o público parece ainda ser de caráter puramente informativo, sendo os meios de difusão os folders e a internet.

A partir dessa nossa investigação, buscamos identificar as principais ações educativas ofertadas em museu de arte no Brasil. Devemos ressaltar que estas ações, em geral, são ofertadas por grandes instituições museológicas brasileiras. Elas não representam a realidade dos museus de arte no Brasil.

Participamos de várias visitas guiadas, palestras e oficinas. Alguns museus oferecem estas três atividades combinadas. Elas são organizadas com a intenção de preparar o professor para uma futura visita com seus estudantes. Com a designação de formação ou orientação de professores, estas atividades se organizam a partir do trinômio fazer, fruir e investigar, em consonância aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes de 1998 (BRASIL, 1998).

As palestras são ministradas geralmente pelo curador da exposição vigente e fornecem subsídios teóricos sobre o(s) artista(s) e sua(s) obra(s), tendo em vista o recorte curatorial, a história da arte, dentre outros aspectos. Durante o evento, abre-se espaço para a realização de perguntas pelo público. Consideramos que estas palestras são extremamente importantes para a atualização dos professores em relação ao cenário artístico. As visitas guiadas buscam explorar a fruição estética do público, através da formulação de perguntas feitas pelo mediador ao longo do processo. Neste momento, percebemos o esforço deste profissional em explorar as qualidades perceptivas e imaginativas do público. Entretanto, nas mediações vivenciadas, a atuação dele se mostrou bastante frágil. Atribuímos dois motivos a este fato: o primeiro, imaturidade teórica dos mediadores em relação ao campo das artes, em geral estudantes dos primeiros anos do ensino superior das áreas de letras, artes, comunicação, design, história, ciências sociais, dentre outras; o segundo, a forma de abordar a obra na exposição. Presenciamos situações bastante constrangedoras. Para nós,

a que se mostrou mais grave, foi em relação a uma pergunta formulada por um mediador. Ele solicitou que os participantes atribuíssem um significado figurativo a uma obra concreta, sobe a justificativa de que cada um de nós enxerga aquilo que deseja. A última atividade de formação de professores envolvia a realização de trabalhos práticos, durante um curto espaço de tempo, para sensibilização do participante. Realizamos desenhos de observação, desenho cego, desenhos com tempo cronometrado, dentre outros. Esta atividade envolvia técnicas e processos artísticos adotados pelo(s) artista(s) em exposição. Considerando que o público do evento é formado por professores de diversas áreas, a prática se apresenta pertinente. Entretanto, considerando apenas o público formado por arte/educação, que receberam formação específica em curso superior, a atividade se apresenta como redundante.

Além destes fatos relatados, um grande número de museus visitados não possuía um setor educativo organizado ou uma equipe de funcionários preparado para prestar este tipo de serviço. A ausência de monitores, mediadores ou atendentes em museus é um fato concreto. Até mesmo os grandes museus de arte são afetados por esta carência. Por exemplo, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli presta o serviço de atendimento aos visitantes do museu, mediante o voluntariado de seus associados.

Nos grandes centros históricos de nosso país, principalmente na Bahia e em Minas Gerais, a carência de profissionais para a prestação de serviço educativo se acentua. O atendimento aos visitantes de muitos museus de arte sacra acaba sendo prestado por funcionários da segurança ou mesmo por guias turísticos. Impera nestas regiões a mercantilização da ação educativa ou cultural.

Apesar das carências, desigualdades e idiosincrasias dos museus brasileiros, as práticas educativas atualmente existentes, desenvolvidas e aplicadas por uma parcela das instituições museológicas, tem contribuído de sobremaneira para a difusão dos bens culturais. Entretanto, acreditamos que não baste garantir a democratização do acesso aos bens culturais, é preciso formar um público que seja capaz de construir e desconstruir discursos no campo das artes.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. *Arte na escola ontem e hoje*. Presença Pedagógica, v. 1, p. 5-10, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. *Educação em museus: termos que revelam preconceitos*. In: Anderson Pinheiro. (Org.). *Diálogo entre arte e público*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007, v.5, p. 30-34.
- BARDI, Pietro Maria. *MASP, anos 30*. In: Museu de arte moderna de São Paulo Assis Chateaubriand. *Catálogo – I França e Escola de Paris*. São Paulo: MASP, 1979. P. 3-6.
- BEMVENUTI, Alice. *Museus e educação em museus: história, metodologias e projetos*. Com análises de caso: museus de arte contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado – PPGAVI/UFRGS, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O Amor pela Arte: os Museus de arte na Europa e seu público*. São Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BRASIL, *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: artes / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC / SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/artes.pdf> Acessado em 01/3/2010.
- FREIRE, Cristina. *Poéticas do processo: arte conceitual no museu*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- GRINDER, Alison, MCCOY, E. *The good guide: a sourcebook for interpreters, docents and tour guides*. EUA: Ironwood, 1998.
- MARTINS, Mirian Celeste; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do ensino de arte*. Poetizar fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Rizoma Cultural, 2008.
- MARTINS, Tatiana Gonçalves. *O museu como vereda fértil: a museologia no museu de arte contemporânea*. Dissertação de Mestrado, UNIRIO/MAST - Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, 2008.
- VERGARA, Luiz Guilherme. *Curadorias educativas: a consciência do olhar: percepção imaginativa, perspectiva fenomenológica aplicadas à experiência estética*. In:

Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. v.3. São Paulo, out/1996.
p. 240-247.

VERGARA, LUIZ Guilherme. Curadorias Educativas. In: Anais do 8º Encontro Nacional da ANPAP. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa; Anna Maria de Carvalho Barros. (Org.). São Paulo: ANPAP, ECA/ USP, 1996, v. 1, v. 2 e v. 3.